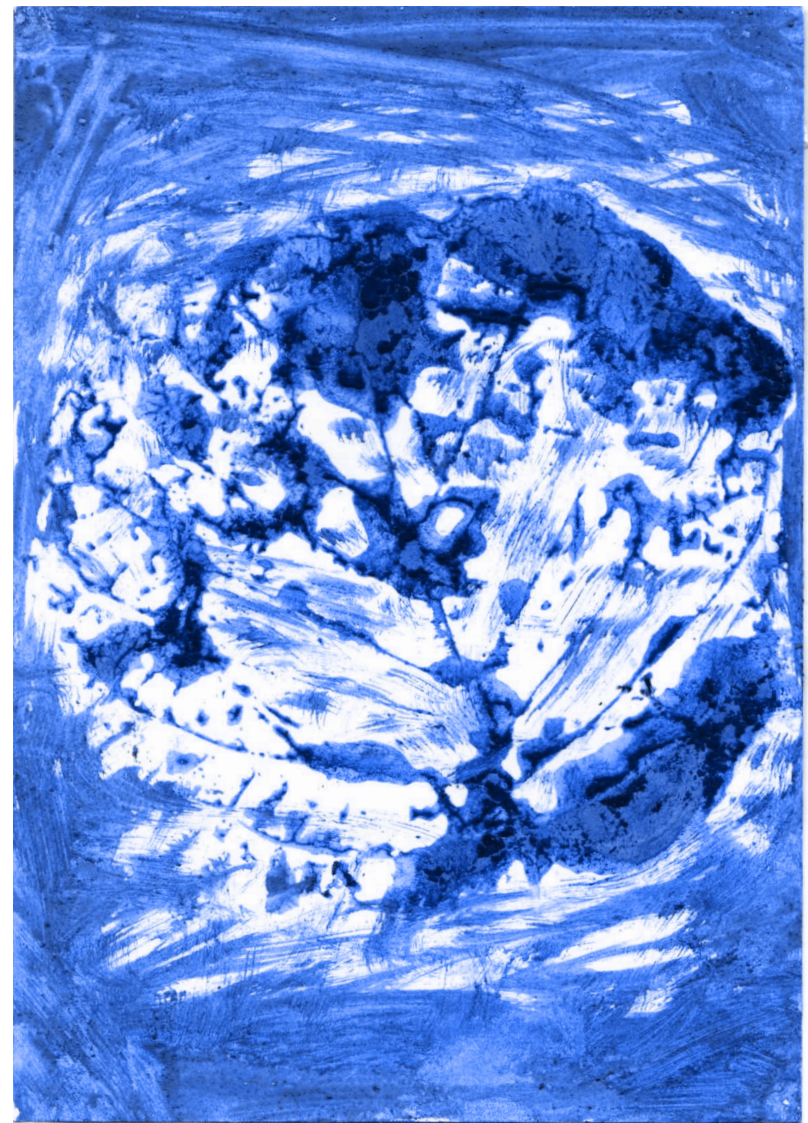


Water Education



ISBN: 978-65-989410-0-0

CD



9 786598 941000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno educativo [livro eletrônico] / [Juliana Galvão ; coordenação Nathan Braga]. -- 1. ed. -- Vila Velha, ES : Instituto ArteCidadania, 2025. PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-989410-1-7

1. Educação - Pesquisa 2. Interdisciplinaridade na educação 3. Pensamento crítico I. Galvão, Juliana. II. Braga, Nathan.

25-312357.0

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





É com grande satisfação que o *Parque Cultural Casa do Governador* apresenta o *Caderno Educativo*, uma publicação concebida como ferramenta de apoio e inspiração para professores interessados em introduzir ou aprofundar o diálogo com obras de arte e artistas contemporâneos. A partir da experiência sensível com obras do nosso acervo, o material convida à construção de percursos pedagógicos que ultrapassam a observação, promovendo investigação, expressão e reflexão. Embora pensado especialmente para o contexto escolar, o material aqui reunido também se abre a outros educadores, mediadores culturais e espaços de aprendizagem, podendo ser utilizado em múltiplos contextos formativos.

Nele, são propostas atividades educativas a partir da descrição e análise de oito obras do nosso acervo. As propostas foram elaboradas incentivando a reflexão crítica, a sensibilidade estética e o protagonismo dos estudantes. O material oferece caminhos para que educadores possam explorar as potencialidades das artes visuais no desenvolvimento de competências e habilidades previstas nos currículos escolares das mais diversas disciplinas.

Mais do que um conjunto de atividades, o *Caderno Educativo* busca estabelecer uma ponte entre o acervo do Parque e o cotidiano da escola, valorizando a arte como ferramenta de produção de experiência e expressão. Cada obra é ponto de partida para múltiplas abordagens pedagógicas, abrindo espaço para o olhar singular de cada educador e educadora.

À frente da equipe educativa, tenho orgulho de destacar o trabalho cuidadoso e sensível realizado por nossa educadora Juliana Galvão, que idealizou e produziu este material, sob a minha supervisão. Seu empenho e dedicação resultaram em um recurso valioso, que esperamos ver multiplicado e reinventado nas mãos de cada professor que dele fizer uso. Que este caderno seja um convite ao diálogo, à criação e ao reencantamento.

Nathan Braga
Diretor Educativo



Este caderno de atividades foi desenvolvido para dar suporte aos educadores nas mais diversas instituições de ensino, promovendo a articulação entre as obras de arte expostas no *Parque Cultural Casa do Governador* e os conteúdos programáticos da Base Nacional Comum Curricular. A proposta aborda conhecimentos, competências e habilidades por meio de práticas interdisciplinares, atendendo às demandas atuais da nova base curricular. Dessa forma, destaca-se a arte como um meio para fomentar o pensamento crítico, difundir saberes tradicionais e contemporâneos, bem como ampliar os debates sobre educação ambiental.

Aqui, buscamos descrever detalhadamente as obras com o intuito de democratizar seu acesso, promovendo o saber interdisciplinar entre a arte e a educação não formal, tomando como referência o Parque, uma instituição cultural pública, e incentivando a utilização do material em outros espaços educacionais.

As abordagens, interpretações, formulações de debates, perguntas e atividades construídas em torno dessas obras nasceram da minha vivência enquanto docente na rede estadual de ensino, das pesquisas realizadas e, sobretudo, das trocas nas mediações, bem como do diálogo com meus colegas educadores, que contribuíram de forma essencial para que essas reflexões tomassem forma. Assim, desejo que este material seja aproveitado por educadores das mais diversas áreas, como uma fonte viva de inspiração e prática.

Juliana Galvão
Educadora



Fernando Velázquez - Uruguai

A obra é constituída por uma grande estrutura de concreto, em formato minimalista de um *iceberg*, oca por dentro e com a palavra *Antropobsceno* exposta em um painel de neon em seu interior. O termo *Antropobsceno* é um movimento oposto ao termo Antropoceno, ou seja, é um neologismo que busca transmitir aos visitantes um espaço de calma, contemplação e reflexão, muito distante da ansiedade de Cronos (deus da Grécia Antiga, associado ao “tempo dos homens”, ou seja, ao tempo físico, cronológico e que segue uma

ordem; Cronos, o deus do tempo, que tudo consome e devora em seu caminho).

A obra traz em seu escopo uma crítica às dinâmicas pelas quais perpassam a era geológica atual (Antropoceno), os conflitos sociais, geralmente associados a disputas territoriais e por recursos naturais, e os conflitos ambientais, gerados por um consumo desenfreado e insustentável, que provocavam a escassez e o desequilíbrio dos serviços ecossistêmicos.

Atividade prática:

Em uma folha de papel A4 ou cartolina, peça aos alunos que representem um iceberg à deriva no oceano, em que 10% está emerso e 90% está submerso, respectivamente. Solicite que insiram, dentro da representação do iceberg, os impactos ambientais visíveis, ou seja, aqueles impactos imediatos que ocorrem no momento ou logo após um evento (por exemplo: queimadas em florestas, erosão do solo, entre outros) e os impactos invisíveis, ou seja, aqueles que derivam dos impactos visíveis (por exemplo: doenças respiratórias, desequilíbrio no ciclo da água, entre outros).

O objetivo desta atividade é perceber que as intensas intervenções humanas sobre o meio ambiente têm provocado inúmeras consequências invisíveis, desequilibrando ecossistemas inteiros e impactando severamente a saúde dos seres humanos.

Atividade teórica:

1. Peça aos alunos uma pesquisa sobre o termo Antropoceno e faça um debate sobre os impactos gerados pela sociedade nesse período geológico. Aguce este debate com perguntas como:

- Quais evidências indicam que vivemos no Antropoceno?
- Qual é a relação do deus Cronos com a era geológica Antropoceno?
- Quais medidas e ações podemos tomar para mitigar as consequências já presenciadas na atual era geológica?



Rodrigo Sassi - SP

A obra *Corpo Estranho* consiste em uma caixa de madeira Pinus retangular suspensa em uma árvore. A concepção da obra baseia-se na intervenção humana sobre a natureza, ou seja, na apropriação dos elementos naturais como matéria-prima, com a finalidade de materializar o consumo nas sociedades.

Com formato retangular e de grande proporção, a obra, feita em madeira, contrasta com a árvore que a sustenta, expondo a ação construtiva do homem e a exploração dos recursos naturais. Esse contraste pode ser associado à definição do geógrafo Milton Santos (1992), que interpreta o processo de transformação da primeira natureza (a árvore em seu estado natural, orgânico) em segunda

natureza (a madeira como matéria-prima transformada em caixa, artificial) como uma modificação provocada, historicamente, pela dominação do ser humano sobre o meio em que habita.

A “arquitetura” proposta, embora inspirada em casas na árvore, não apresenta funcionalidade: não existem janelas ou portas, nenhuma brecha para entrada. Isso nos causa estranheza ao nos depararmos com a obra e imaginarmos seu interior. Talvez esse sentimento decorra da dualidade entre a caixa de madeira e a árvore que a sustenta, ou dos galhos que se expandem no alto da caixa como se tentassem libertar-se de um corpo

Atividade teórica:

1. Essa dualidade existente na composição da obra nos leva a inúmeras reflexões. Peça aos alunos que escrevam, em seus cadernos, as percepções que esse estranhamento e dualidade (orgânico vs artificial) causam a eles, exemplificando por meio de experiências vivenciadas.

2. O contraste entre a árvore e a caixa de madeira suspensa, na obra de Sassi, pode ser interpretado como uma metáfora para a essência genuína do indivíduo e as expectativas sociais. Como as normas sociais e culturais podem criar pressões para que as pessoas moldem seus comportamentos de maneira artificial, desconectando-as de sua autenticidade?

3. Peça aos alunos que expliquem os conceitos de “primeira natureza” e “segunda natureza” conforme apresentados por Milton Santos, discutindo como essas duas formas de natureza se relacionam na construção do espaço geográfico. Além disso, proponha uma reflexão sobre como essas noções ajudam a compreender as transformações socioambientais que ocorrem ao longo da história e os desdobramentos para o desenvolvimento sustentável.



Bárbara Carnielli - ES

A obra *Balança Cotejo* é composta de uma balança – feita com material metalon, com 2,5 metros de altura e 2,5 metros de largura – e apresenta, nas extremidades, dois pontos de equilíbrio (pratos de aço com 60 centímetros de diâmetro): de um lado, a rocha (pesando 60 quilos) e, do outro, a kokedama de *Epipremnum pinnatum* (pesando 10 quilos), popularmente conhecida como “jiboia” (sendo, propositalmente, a extremidade da balança que mais pesa). A obra propõe um cotejo entre a rocha, seca e cinza, e a planta, jiboia, que se expande pelas correntes que a sustentam.

Cotejo significa “comparar”, ato ou processo de examinar e confrontar os elementos dispostos, identificando possíveis semelhanças e diferenças. Na obra, são evidenciados o corpo mineral e o corpo orgânico. O corpo mineral é representado por uma rocha, simbolizando nossa essência mais pura e incorruptível, algo tão instintivo que não é acessado conscientemente e permanece inacessível para nós mesmos. Já o corpo orgânico é representado por uma bola de musgo, terra e planta, inspirada na técnica japonesa “*kokedama*”, que reflete nossa construção afetiva, marcada pela interferência do mundo externo. Ela revela o lado visceral e primitivo que nos conecta aos nossos instintos e estreita nossa relação com a parte mais genuína da natureza humana.

Atividade teórica:

1. Faça um debate com a turma sobre a obra e estimule com perguntas como:

- Quais dualidades podemos extrair ao observar os objetos que compõem as extremidades da balança?
- Sabendo que a pedra pesa 60kg e a kokedama 10kg, qual pode ser a



intenção da artista ao colocar a planta na extremidade da balança que mais pesa?

- O que a balança representa? Qual é o seu significado? Traga como referência a imagem da Justiça, representada por uma balança.

2. Peça aos alunos que respondam, em seus cadernos, à seguinte questão:

- Considerando a metáfora da rocha e da planta como elementos que representam a natureza humana e seus comportamentos, como podemos relacionar o conceito de equilíbrio entre os elementos naturais com a degradação ambiental?

Atividade prática:

Confeccione, junto aos alunos, uma *kokedama* de jiboia ou outra espécie de planta. Peça que levem para casa e cuidem dela diariamente durante um mês. Estabeleça um dia para que todos possam trazer a planta à escola e investigue os cuidados que foram tomados para alcançar o resultado apresentado.

A prática de cultivo de plantas traz diversos benefícios à saúde mental, ajudando no desenvolvimento de habilidades pessoais e na melhoria do processo de desenvolvimento cognitivo, entre outros. Portanto, o objetivo desta atividade é fazer com que os alunos percebam como têm lidado com os cuidados do dia a dia. A planta é um pequeno reflexo de como lidamos e cuidamos de nossas vidas, permitindo observar se as coisas supérfluas se sobressaem ou não, além de como lidamos com a natureza em meio ao caos da vida artificial.

O que é uma *kokedama*:

É o nome dado a uma técnica de origem japonesa que envolve a planta dentro de uma bola de musgo, substrato e argila, sendo desnecessário o plantio em vaso.

Como fazer uma *kokedama* – passo a passo:

1. Escolha uma planta e retire toda a terra das raízes com cuidado.
2. Faça uma mistura de substrato, areia e água. A dica é colocar água aos poucos e ir amassando até formar uma massa moldável para construir uma bola.
3. Cubra com musgo seco ou vivo, envolvendo toda a bola com uma leve pressão.
4. Finalize com o fio de sisal. Lembre-se de passar por todos os lados, como um novelo de lã, e termine dando um nó.
5. Se quiser, pode acrescentar um longo pedaço de fio de sisal para pendurar o arranjo ou colocar um pratinho por baixo, caso vá deixá-lo sobre alguma superfície.

Materiais para fazer uma *kokedama*: uma muda de planta de sua preferência; substrato, areia, água; musgo seco ou vivo; fio de sisal; nylon.

Espécies de plantas mais indicadas para fazer *kokedama*: jiboia; lírio-da-paz; hera; suculentas; begônia; samambaias; orquídeas.


Como cuidar da sua *kokedama*:

A incidência solar, a quantidade de água e a frequência da rega são variáveis conforme a espécie de planta que será utilizada na *kokedama*; para isso, é importante pesquisar sobre a planta escolhida e conhecer o espaço onde será instalada.

Mas é importante destacar que, na técnica da *kokedama*, a rega da planta deve ocorrer mergulhando-a em uma bacia por cerca de cinco minutos. Em casos como jiboia e samambaia, o intervalo entre as regas deve ser de duas a três vezes por semana. Já nas espécies de suculentas, as regas são mais espaçadas, pois essas plantas preferem períodos mais secos – os intervalos podem variar de uma a duas semanas. Uma boa dica é afundar o dedo no musgo para verificar a umidade antes de regar novamente.

A principal dica é ficar de olho e acompanhar o desenvolvimento da planta e fazer a poda das folhas secas sempre que possível.





UMA PAISAGEM REVOLUCIONÁRIA DE MULHERES GUERREIRAS.

Parque Cultural Casa do Governador

Uma revolução

Marilá Dardot – MG

A obra de Dardot é composta de 60 placas galvanizadas com pintura eletrostática e impressão com tinta esmalte, dispostas por toda a extensão do bosque de esculturas no Parque Cultural Casa do Governador. Essa é uma obra permanente e que se constitui por citações de 46 livros publicados e reeditados no Brasil, nos últimos vinte anos, por diversos autores (negras e negros, indígenas, LGBTQIAPN+ e, em sua maioria, mulheres) que trazem perspectivas decoloniais, ou seja, que abordam assuntos, teóricos e práticos, que buscam desafiar e desconstruir as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas pelo colonialismo, o qual influenciou e continua influenciando as sociedades, sobretudo no que tange aos costumes religiosos e culturais e às relações sociais, políticas e econômicas.

Essas citações poéticas buscam provocar no público novas percepções sobre si mesmo e sobre o espaço em seu entorno, propondo alternativas para a construção de uma sociedade mais justa, baseada no respeito à diversidade e à autonomia dos povos.

Algumas citações:

“Vista algo limpo, comece o dia, e faça o trabalho de viver”. (Chisala, 2020)

“A mudança é hoje uma obrigação ardente”. (Stengers, 2015)

“A revolução está acontecendo agora, na sua frente”. (Preciado, 2018)

“Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”. (Kopenawa; Albert, 2015)

“Água que brota não cessa, mesmo quando cortada. As correntezas são mais velhas do que esta velha montanha em que habitamos”. (Silva, 2018)

“Há muito observamos as histórias desses mundos e poucas narrativas nos contemplam”. (Borges, 2019)

“Na circunferência de um círculo, o começo e o fim são comuns”. (Balgiu;Torre, 2020)

Atividade teórica:

1) “*Eu vivia num lugar que, para muitos, é um não lugar – mas era um mundo só meu. Não estava em nenhuma margem do rio. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale, para um lugar onde se fazer era possível no confronto com algumas regras impostas*”. (Nascimento, 2021)

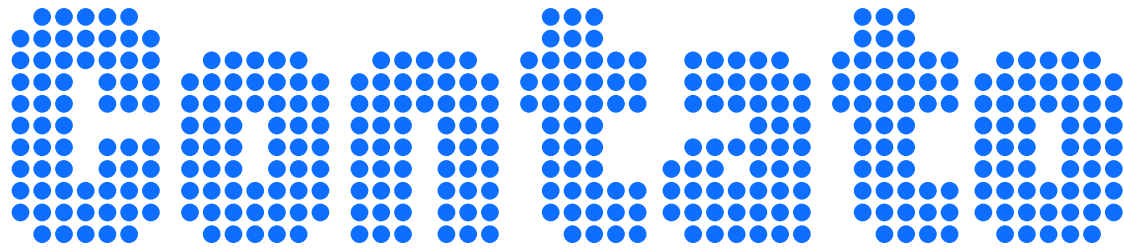
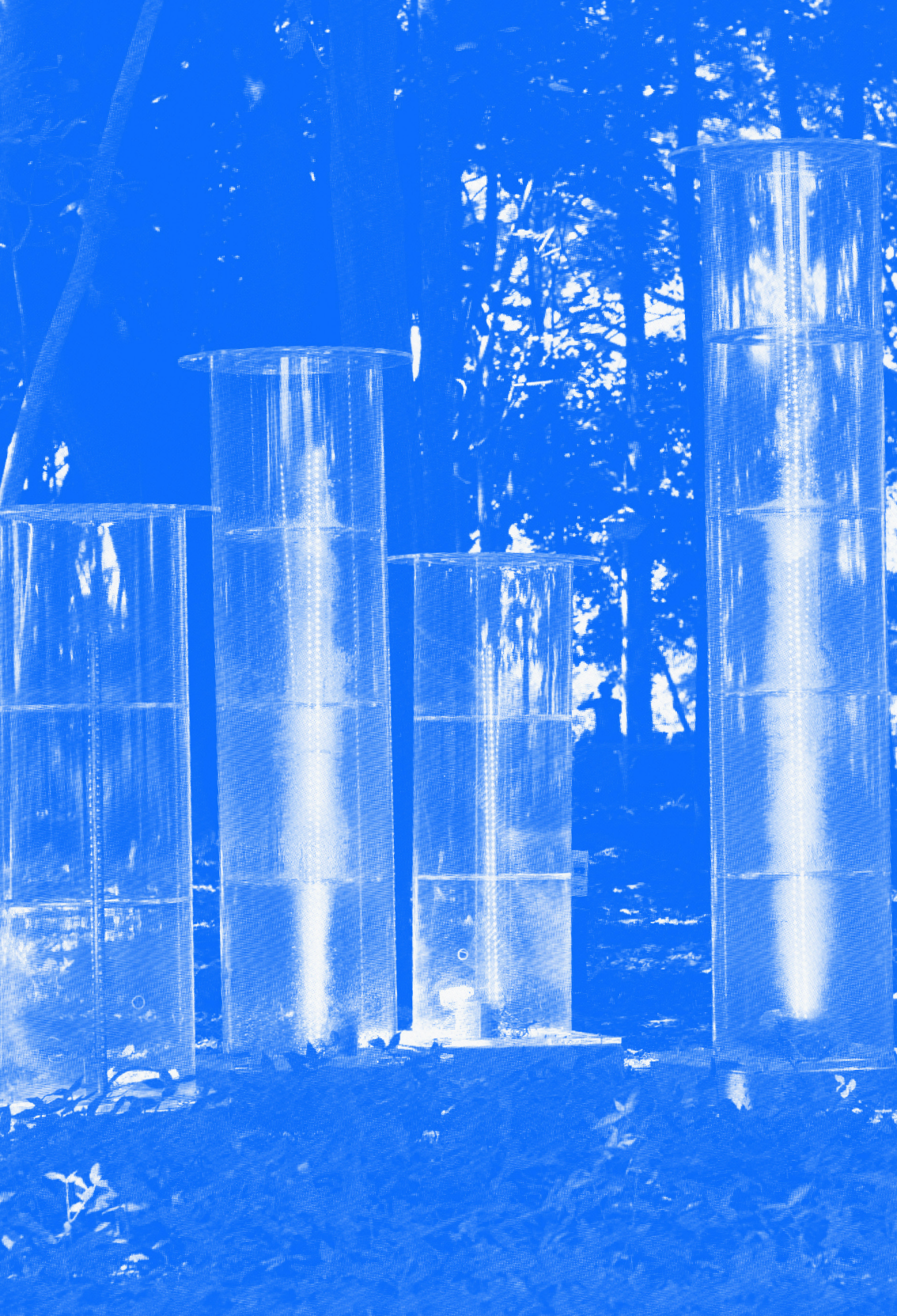
Com base no texto acima, responda às seguintes questões:

- O que poderia significar, no contexto do texto, a afirmação “Eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale”?
- Como a frase “Não estava em nenhuma margem do rio” poderia ser interpretada em relação à ideia de transgressão?

2) “*Mas desta vez estou desperta, liberta eu sorrio. Agora. Desta vez é a minha vez*”. (Lorde, 2020)

A frase indica um momento de tomada de consciência, libertação pessoal e recomeço. Com base nisso, peça aos alunos que dissertem sobre como o autoconhecimento e a consciência crítica podem contribuir na libertação do indivíduo e no crescimento pessoal.

Proponha aos alunos um momento de debate e, caso sintam-se à vontade, peça que compartilhem experiências ou reflexões que os libertaram de concepções e crenças antigas.



Hugo Bello e Jaíne Muniz - ES

Contato é uma instalação composta de quatro tubos – de tamanhos que variam de 1,10 metros a 2 metros – de acrílico transparente. No interior dos tubos existem mangueiras de LEDs (cor branca) dispostas na vertical, além de minissensores de aproximação (luz azul).

A obra traz uma reflexão sobre o material furtivo da rede mundial de computadores e os cabos de fibra óptica submarinos de internet, que conectam os continentes (representados no site Submarine Cable Map: <https://www.submarinecablemap.com/>).

Por meio dos sensores, o espectador-ativador interage com a instalação, alterando o comportamento das luzes, fazendo com que o contato seja responsável por expandir a luz, remetendo à internet Wi-Fi, que é responsável por mobilizar essa rede complexa de comunicação globalmente.

Atualmente, existem 400 cabos subaquáticos em funcionamento, totalizando aproximadamente 1 milhão de quilômetros de fibra óptica, que conectam continentes, países, cidades, casas e pessoas. Esses cabos contêm lasers em suas extremidades, que disparam dados de uma ponta a outra em alta velocidade por meio de fibras de vidro extremamente finas. Dessa forma, ocorre a transmissão de dados digitais de uma estação terrestre a outra, representando mais de 98% do tráfego de dados intercontinentais.

Nos últimos anos, cientistas têm observado o comportamento de espécies marinhas próximas aos cabos de fibra óptica, e dados demonstram que os campos eletromagnéticos (EMF) gerados pelos cabos podem distorcer o campo geomagnético natural dos organismos marinhos, os quais dependem dele para navegar, principalmente se nadarem ou

flutuarem a aproximadamente 10 metros dos cabos. Outros estudos mostram que tubarões, raias e quimeras, por exemplo, desenvolveram órgãos extremamente sensíveis a campos elétricos: as ampolas de Lorenzini. Estes eletrorreceptores formam uma rede de poros cheios de muco na pele dos peixes cartilaginosos – órgãos altamente especializados, otimizados para detectar presas, e que têm um limiar de sensibilidade inferior a um único microvolt (Bernhard, 2023).

Atividade teórica:

- Qual foi o primeiro cabo submarino a ser instalado e para qual objetivo?
- O que é e como funcionam as ampolas de Lorenzini?
- Algumas espécies marinhas utilizam o campo magnético para se orientar geograficamente e também detectam presas por meio de órgãos eletrorreceptores. Explique: o que é o campo magnético? Como os cabos de fibra óptica podem interferir na reprodução, na migração e na alimentação de espécies?



A ESCADA

Renan Grisoni - ES

A obra *A Escada* é uma intervenção arquitetônica e sensorial que aborda questões sociais e urbanas presentes em comunidades periféricas. Ela é composta de uma estrutura de aço, gesso acartonado, placas cimentícias e madeira.

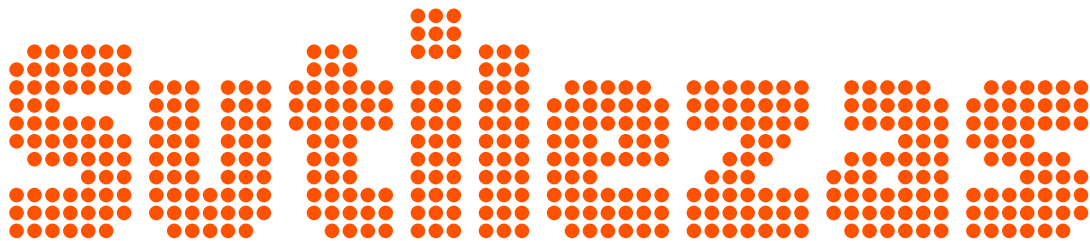
Ao longo de sua extensão, a obra utiliza elementos sensoriais para transmitir a realidade daqueles territórios, como a presença de uma bicicleta amarrada a um gradil no início da escadaria, evidenciando a falta de acessibilidade nas partes mais altas do morro; as paredes internas que ilustram a sobreposição de casas, um reflexo da ocupação irregular e da alta densidade populacional; e, na parte externa das paredes, um poema redigido pelo artista expõe esse movimento de ida e volta, ritmos e desafios encarados pela comunidade.

À medida que se sobe a escada, são reveladas as camadas de uma realidade difícil, mas também de resistência. No final da subida, um mirante voltado para a mata do *Parque Cultural Casa do Governador* oferece uma sensação de contemplação da natureza. Esse espaço pode sugerir que, no alto do morro, acima das dificuldades enfrentadas pelas comunidades, há uma conexão com a natureza que se mantém resiliente. Além disso, uma caixa de som fixada nas paredes transmite sons do cotidiano, como crianças brincando, adultos e idosos conversando, criando uma imersão sensorial que procura refletir a vida nas periferias, onde os sons da cidade se misturam com as experiências humanas diárias.

*“A Escada se faz presente
é o desafio final ou o início da jornada,
o último esforço ou embalo da descida
o ritmo bem ensaiado
dos passos bem gingados
A Escada é a aventura arrastada do visitante
a intimidade do guerreiro diário
o ponto do encontro não marcado
o caminho e o descaminho das águas
cicatriz necessária do atraso
Nos degraus do esquecimento um monumento,
A morada do gigante, não tão grande
só por dentro”.*

Atividade teórica:

- Peça aos alunos que pesquisem as origens das comunidades periféricas (processo de favelização) e que apontem as precariedades de infraestrutura e as carências quanto a serviços públicos e essenciais dessas comunidades.
- Com base na pesquisa realizada anteriormente, promova um debate entre os alunos sobre os possíveis motivos que poderiam ter levado as pessoas a morarem nesses territórios, bem como os desafios sociais enfrentados por elas no dia a dia.
- Apesar desses desafios, como o acesso limitado a serviços básicos e oportunidades, também existem aspectos positivos que fazem parte do cotidiano de quem vivencia esses territórios. Aguce o debate com os alunos sobre os principais aspectos positivos da vida nas comunidades e como eles contribuem para fortalecer os laços sociais e a identidade cultural dessa população.



Castiel Vitorino Brasileiro – ES

A obra *Sutilezas do Tempo*, de Castiel, reflete sobre a delicadeza do envelhecimento, tanto da arquitetura quanto das culturas e comunidades que as habitam. Ao trabalhar com os quilombolas do Morro das Araras, em São Mateus (ES), Castiel resgata técnicas ancestrais como o pau a pique, criando um espaço que transcende a arquitetura e aborda a memória, a resistência e a identidade cultural de forma profunda e sensível.

Por meio do uso de materiais simples, como eucalipto tratado, bambu, cipós e barro, a obra busca unir o tempo e a natureza ao design arquitetônico. Cada elemento da construção, desde a fundação em concreto armado até o muro de pedra de rio, busca representar a resistência e o envelhecimento dos elementos ao longo do tempo, refletindo as memórias dos moradores e do próprio ambiente. Materiais como as pedras de quartzo rosa, transportadas de Diamantina (MG) e Corinto (MG), adicionam um toque especial à obra, destacando a importância da conexão entre o lugar e a comunidade, bem como os conhecimentos e tradições cultivadas por gerações.

Por meio de *Sutilezas do Tempo*, Castiel também provoca uma reflexão sobre a patrimonialização e sacralização de áreas culturais e ambientais ameaçadas, como a técnica de pau a pique e os biomas da Mata Atlântica e do Cerrado, enfatizando a necessidade de preservação dos espaços culturais e naturais. A obra não é apenas um local de descanso, mas um ponto de renovação, onde a construção coletiva, a confiança e a cumplicidade são essenciais para garantir a longevidade da arquitetura e da cultura, refletindo uma transformação constante e o cuidado coletivo necessário para manter vivas a memória e a identidade cultural dessas comunidades tradicionais.

Da mesma forma, a manutenção da obra inserida no Parque – tanto no cuidado com a construção quanto com o ambiente natural ao seu redor – busca refletir toda a conceituação proposta pela artista para o local, marcada por uma experiência que ultrapassa os limites físicos do espaço e a linearidade do tempo, evocando permanência, memória e ancestralidade.

Atividade teórica:

- Peça aos alunos uma pesquisa sobre a origem da técnica de pau a pique no Brasil e a importância dessa técnica como patrimônio cultural do país. Solicite também uma pesquisa sobre o que são as técnicas de bioconstrução.
- Peça aos alunos uma pesquisa sobre a origem e a importância histórica dos quilombos no Brasil, bem como a realidade e a luta dos quilombos contemporâneos, especialmente os situados no Espírito Santo. Em seguida, faça um debate sobre identidade, cultura, pertencimento e resistência dos povos quilombolas.

Atividade prática:

Separe a turma em grupos de 4 a 6 pessoas e proponha aos alunos a construção de uma pequena casa, utilizando materiais disponíveis na natureza e materiais recicláveis. Esta atividade estimula o trabalho em equipe, a criatividade, o raciocínio espacial e a conscientização ambiental.

Planejamento do projeto:

- O grupo deve discutir e desenhar um rascunho da casa que deseja construir. Nesse início, é importante ressaltar que



existem inúmeros formatos de casa, de diferentes tamanhos e estilos, como: casas modernas, casas de campo, casas de palafita, casas indígenas, entre tantas outras. Mas é importante lembrá-los que a casa deve atender aos seguintes critérios: ser um abrigo, oferecer conforto e ser sustentável;

- Listar todos os materiais necessários para a construção da casa;

- Estabeleça um tempo para a construção e apresentação do projeto.

Apresentação do projeto:

Os alunos devem expor o projeto para a turma, apresentando suas inspirações de construção, os materiais utilizados, o processo realizado e o que aprenderam com a atividade.

Dica complementar:

Esse projeto pode ser apresentado à comunidade escolar e aos familiares como uma “feira de casas sustentáveis”.





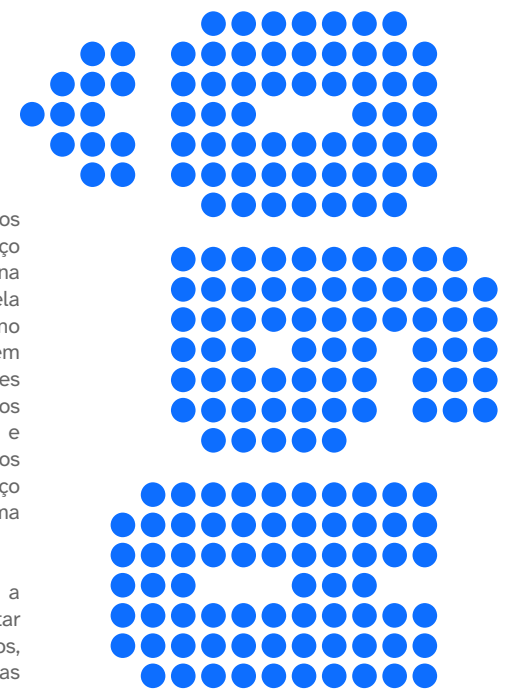
Carla Desirée - ES

A escultura possui dimensões de 3,40 metros por 3 metros e é composta de tubos de aço com espessuras de 7,5 cm, galvanizados na cor vermelha. *Agô* é uma escultura criada pela artista Carla Désirée, que propõe firmar no espaço e no tempo “signos que resgatem em nós o respeito pelos ancestrais e divindades do *Òrun-Àiyé* (interconexão entre os mundos espiritual e físico). A obra utiliza técnicas e materiais típicos de assentamentos religiosos africanos e é composta de tubos de aço soldados a uma base circular, fixada em uma caixa de madeira com concreto.

O material utilizado como base para a composição da obra, o aço, busca representar a força do orixá Ogum, senhor dos caminhos, da tecnologia, das demandas e de tantas outras atribuições, responsável por afastar a desordem e as energias negativas. A concepção da obra é marcada por oito caminhos que se conectam a partir de um ponto central. Em suas extremidades formam-se tridentados: dois tridentados na horizontal em arranjos retangulares, evocando o orixá Exu, e três tridentados arredondados na parte inferior e três na superior, reverenciando as entidades das Pombagiras. No centro, repousa um espelho – um elemento simbólico que reverencia Oxum, a orixá das águas doces e do amor – permitindo que o espectador se veja refletido, criando uma interação simbólica.

Na língua iorubá, “agô” significa “licença”, e é um termo de saudação e respeito, um pedido de permissão para adentrar e ser acolhido. A obra *Agô* homenageia as divindades das religiões de matrizes africanas, refletindo, também, a complexidade das encruzilhadas da vida, que se entrelaçam, se cruzam e se bifurcam, oferecendo infinitas possibilidades. *Agô*, portanto, é o ponto de partida dessa travessia, o início de todos os caminhos que se abrem para infinitas possibilidades, perspectivas e história de todos os corpos que surgiram a partir do encontro transatlântico de culturas.

Dessa forma, “*Agô*” celebra a ancestralidade e as possibilidades que surgem nas encruzilhadas da vida, oferecendo uma experiência multissensorial e de reverência à cultura africana.



Atividade teórica e prática:

Fundamentado na Lei nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o ensino da cultura afro-brasileira tornou-se obrigatório nas escolas. Portanto, atividades relacionadas à temática devem ser fomentadas a fim de desmistificar os estigmas presentes na sociedade brasileira em relação à cultura, às crenças e aos costumes de origem africana, que fazem parte da história e da identidade do povo brasileiro.

- Solicite aos alunos que realizem uma pesquisa sobre a origem das religiões de matrizes africanas no Brasil, os conflitos relacionados a essas religiões e a influência delas, assim como da língua iorubá, na formação cultural e na linguística brasileira.
- Peça também que apresentem, em formato de *slides* ou cartaz, algum dos fundamentos praticados por essas religiões, como: costumes, divindades, línguas faladas, vestimentas, culinária, entre outros.

Referências bibliográficas

BALGIU, Alex; TORRE, Mónica de la. **Women in Concrete Poetry**: 1959-1979. Nova York, Primary Information, 2020.

BERNHARD, Adrienne. How undersea cables may affect marine life. **BBC**, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20230201-how-undersea-cables-may-affect-marine-life>. Acesso em: 18 maio 2025.

BORGES, Stephanie. **Talvez precisemos de um nome para isso [ou o poema de quem parte]**. Recife: Cepe, 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: [dia mês ano].

CHISALA, Upile. **Eu destilo melanina e mel**. Tradução: Izabel Aleixo. São Paulo: LeYa, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de uma xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LORDE, Audre. **Entre nós mesmas**: poemas reunidos. Tradução: Tatiana Nascimento e Valéria Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1 edições, Série Pandemia, 2018.



SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da Natureza. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 95-106, abr. 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/M4qFLBVz8KpwwJjvQrR-myLq/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA, Cidinha da, 1967. **Um exu em Nova York**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes** – resistir à barbárie que se aproxima. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Juliana Galvão
Juliana Galvão
Juliana Galvão



Juliana Galvão é geógrafa graduada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Estácio de Sá. Com experiência na educação pública do Espírito Santo, atuou como professora, promovendo a consciência socioambiental e a formação crítica de crianças, jovens e adultos. Atualmente, é educadora ambiental no *Parque Cultural Casa do Governador*, onde segue estimulando o pensamento crítico por meio da educação, desenvolvendo ações socioambientais, projetos culturais e materiais educativos.

FICHA TÉCNICA

PROJETO EDUCATIVO

Diretor Educativo

Nathan Braga

Assistente Educativa

Raíssa Leal

Educadores

Henrique Nascimento

Juliana Galvão

Laira Aquino

Valentim Faria

CADERNO EDUCATIVO

Coordenação Editorial

Nathan Braga

Supervisão e revisão técnica

Nathan Braga

Pesquisa e desenvolvimento

Juliana Galvão

Produção executiva

Daniela Maia

Malu Magalhães

Autoria

Juliana Galvão

Revisão Textual

Dalila Jora (Paratextos Revisão Textual)

Design gráfico, diagramação e desenvolvimento de produto

Leandro Loureiro

Impressão

Grafitusa

Imagens

Edson Chagas/Midiатеca Capixaba

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Governador do Estado

Renato Casagrande

Vice-Governador do Estado

Ricardo Ferraço

Secretária de Estado do Governo

Maria Emanuela Alves Pedroso

Assessora Especial da Residência Oficial

Adriana Lúcia de Oliveira

Secretário de Estado da Cultura

Fabricao Noronha

Subsecretária de Estado de Políticas Culturais

Carolina Ruas Palomares

Subsecretário de Estado de Gestão Administrativa

Joemar Bruno F. Zagoto

Subsecretária de Estado de Fomento e Incentivo à Cultura

Maria Thereza Bosi de Magalhães

Gerente de Espaços e Articulação Cultural

Vinicius Fabio Ferreira Silva

INSTITUTO ARTECIDADANIA

Diretor Presidente

José Peixoto da Silveira Jr.

Diretor Regional

Sérgio Sá Leitão

Coordenadora de Projetos

Jaqueline Roversi

Coordenadora de Relações Institucionais

Elaine Brito

PARQUE CULTURAL CASA DO GOVERNADOR

Coordenador Administrativo

Frederico Mascarenhas

Coordenadora Artístico-Cultural

Mirella Schena

Diretor Curatorial

Omar Salomão

Diretora de Comunicação

Melissa Künsch

Diretor Educativo

Nathan Braga

Diretora de Produção

Daniela Maia

Equipe Administrativa Analista

Alessandra de Souza Silva

Assistentes

Clara Anjos Zaninho

Maria Teresa Lage

Equipe de Comunicação

Assistente

Matheus Nobre

Designer Júnior

Leandro Loureiro

Equipe Educativa

Assistente

Raíssa Leal

Educadores

Juliana Galvão

Laira Aquino

Henrique Nascimento

Valentim Faria

Equipe de Produção

Assistentes

Kaíque Cosme

Malu Magalhães

Produtora de execução

Natalia Baptista

Técnico em Manutenção e Conservação

David Trindade



PATROCÍNIO OURO



PATROCÍNIO PRATA



GESTÃO E PROGRAMAÇÃO



REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA



